

APRESENTAÇÃO DO MODELO DE VIDA: SÃO JOÃO DE DEUS

1.

João Cidade nasceu em Montemor-o-Novo, diocese de Évora, a 8 de março de 1495, no seio de uma família humilde e de vivência cristã.

2.

Aos 8 anos, e por influência de viajantes que contavam histórias sobre navegadores e aventureiros, sai de casa sem dizer nada e vai para Espanha.

3.

Em Oropesa encontrou trabalho como pastor. À medida que crescia, a sua seriedade e bom senso conquistaram a confiança e a amizade do seu patrão, que o nomeou administrador dos seus bens e lhe ofereceu a mão da filha.

4.

Mas o seu espírito aventureiro levou-o a fugir. Em 1523 alista-se no exército de Carlos V, participando na guerra contra os franceses. Uma série de peripécias ocorridas conduziu à sua expulsão do exército e João Cidade regressa a Oropesa, a casa do seu antigo patrão que o acolhe com grande alegria.

5.

Em 1532 volta a alistar-se no exército, mas desta vez para combater os turcos no centro da Europa.

6.

Regressado da guerra, quis voltar às suas origens. Em Portugal apenas encontrou um tio e, sem nada que o prendesse à terra natal, voltou para Espanha, mas desta vez para o sul. E daí partiu para Ceuta, ao serviço de um fidalgo português desterrado.

7.

Foi aí que teve lugar a sua primeira grande ação de generosidade: para garantir o sustento desta família, que entrou em dificuldades, foi trabalhar para a construção das muralhas de protecção da cidade.

8.

Regressou a Espanha em 1538, ficando algum tempo em Gibraltar onde se dedicou ao comércio de livros e estampas. Reza a lenda que aí lhe apareceu um menino com uma romã (granada em castelhano) na mão e lhe disse: «João, Granada será a tua cruz». João partiu para a cidade desse nome e aí viria a dar-se a grande transformação da sua vida.

9.

A 20 de Janeiro de 1539 pregava em Granada o Pe. João de Ávila. As palavras de fogo que brotavam com força dos lábios do pregador caíram pesadas como chumbo no coração de João Cidade, levando-o a tomar uma atitude radical contra a hipocrisia que se vivia na sociedade granadina de então.

10.

Pelas atitudes que tomou – deambular pelas ruas e praças de Granada gritando «Misericórdia, Senhor, misericórdia» - foi dado como louco e internado no Hospital Real onde sofreu na pele os tratamentos dados na época a este tipo de doentes.

11.

Foi então que um sonho louco o assaltou – fundar um hospital onde pudesse tratar devidamente aqueles que sofrem. Tendo como seu conselheiro o Pe. João de Ávila, empreendeu a louca aventura de fundar um pequeno hospital.

12.

Percorreu as ruas de Granada ajudando e transportando os que não conseguiam valer-se sozinhos e levando-os para o seu hospital, uma pequena casa que alugou. Aí lhes tratava das feridas do corpo e da alma.

13.

Aquele jovem indómito, pastor, soldado, que fuge de um casamento promissor, aquele vagabundo andarilho, aquele que se fez passar por louco, encontrava o seu verdadeiro caminho e a sua missão definitiva: a caridade.

14.

O Bispo de Tuy, que era simultaneamente o Juiz do Tribunal de Granada, disse-lhe um dia: «De ora em diante chamar-te-ás João de Deus». A mudança de nome foi um verdadeiro presságio. Daquele jovem nervoso, cheio de vitalidade, instável e vagabundo, um tanto louco e excêntrico, apenas ficou uma dedicação completa e total com a mesma vitalidade, ou ainda mais, aos seus enfermos e pobres de toda a espécie e condição.

15.

João calcorreava as ruas da cidade, batendo de porta em porta, pedindo esmola para dar de comer e comprar remédios para os seus enfermos, proclamando sem cessar um singular pregão: «Irmãos, fazei o bem a vós mesmos, dando aos pobres!».

16.

Um episódio marcante na sua vida foi o incêndio que se deu no Hospital Real de Granada em 1549. João Cidade, com bravura, salvou muitos doentes e combateu as chamas. Toda a cidade de Granada lhe prestou reconhecimento, chamando-o já João de Deus, o Santo de Granada; a mesma cidade que o tinha chamado de louco.

17.

Uma vida de tanto sacrifício, jejum e desgaste pelo zelo apostólico não podia resistir muito mais tempo. Há mais de 13 anos que se dedicava de alma e coração ao cuidado dos pobres e enfermos. E o seu corpo robusto e forte, apesar de não ser velho, cedeu à enfermidade, caindo gravemente doente.

18.

A 8 de março de 1550, tinha então 55 anos de idade, em diálogo com Deus, morre com fama de santidade. Em 1630 o Papa Urbano VIII beatificou-o. Em 1670 o Papa Alexandre VIII canonizou-o. E em 1886 o Papa Leão XIII declara São João de Deus patrono dos doentes, dos enfermeiros e dos hospitais.

19.

Decorrente do seu testemunho foi fundada a Ordem Hospitaleira que ainda hoje perdura e presta serviço recebendo todo o tipo de doentes e necessitados, com especial predileção pelos doentes mentais, os mais maltratados socialmente e os que ninguém quer cuidar.

20.

João de Deus foi um homem que, vivendo no seu tempo, soube ser inovador e projectar-se para o futuro. Um homem que encontrou Deus no amor aos seus irmãos, nomeadamente naqueles que, pelas circunstâncias da vida, se tornaram mais frágeis – os pobres e os doentes.

INTERPELAÇÃO

Fragilidade!

Fragilidade humana!

Tudo na vida de São João de Deus nos aponta para esta realidade: a fragilidade humana. Primeiro a fragilidade de uma vida sem rumo, sem sentido. Depois a fragilidade do corpo, o seu e o dos outros, que leva à doença e à morte.

Fragilidade – carácter do que é efémero, precário ou temporário.

Será que aos 15, aos 18, aos 21, aos 23 anos se pensa nisto? Que tudo em nós é efémero, precário e temporário? Será que nestas idades temos consciência de que a juventude, o vigor, a saúde, a beleza, a autonomia são bens efémeros, precários e temporários? E, no entanto, estamos rodeados de sinais que nos falam desta realidade: a fragilidade humana! Realidade tão real que, quando dela tomamos verdadeira consciência, faz doer!

Aqueles que vemos expostos, hoje, na doença, na velhice, na deficiência, na solidão, são sinais, são expressão viva da fragilidade comum a todos nós, manifestação dessa verdade real que é a condição humana, desmascarando a auto-suficiência e a ilusão de onipotência em que vivemos. E nos frágeis de hoje, vemos os frágeis de amanhã, vemo-nos a nós, frágeis, amanhã.

Foi-se a juventude, o vigor, a saúde, a beleza, a autonomia... O que lhes resta? O que nos resta?

“Aos Caminheiros é proposta, entre outras, a passagem do Evangelho de São Lucas sobre o Caminho de Emaús (Lc 24, 13-35). Esta passagem é das que melhor descreve o Caminheirismo como percurso de revelação, descoberta, decisão e alegria, onde se propõe aos Caminheiros que experimentem o verdadeiro sentido de fazer caminho: descobrirem permanentemente o que os rodeia e, principalmente, quem os rodeia.”¹

Neste caminho de Emaús encontramos resposta à pergunta que foi feita atrás: o que lhes resta? O que nos resta?

O caminho mostra-nos que, a par da nossa fragilidade, temos a fé em Jesus Cristo e a fraternidade de irmãos que somos como resposta. Fragilidade – Fé – Fraternidade: um tripé, uma construção sustentável e sustentadora, que nos faz olhar a Pessoa na sua dignidade como critério primeiro nas nossas acções, que nos faz olhar a Vida como dom, que se vive primeiro de forma efémera, precária e temporária, como meio e modo de alcançar a Vida eterna.

São João de Deus é-te proposto como modelo de vida e modelo de fé.

No serviço aos outros, principalmente os mais frágeis, encontrou sentido para a sua vida e fez dela uma vida com sentido.

E SERVIR, também é o teu lema?
Estás disposto a pô-lo em prática?

Departamento de Formação da JNTSM
Matilde Santos / Carlos Nobre

¹ Mística e Simbologia no Clã, Manual do Dirigente